

AUTORA

SARA SOUZA DOS SANTOS

ABORDAGEM DO RACISMO E DA HISTÓRIA AFRO-BRASILEIRA

NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA

Leitura crítica, educação antirracista
e caminhos para a prática docente

OUTRAS
NARRATIVAS
TAMBÉM
CONSTRUEM
A HISTÓRIA

*"Uma educação
que reconhece
também libenta."*

CONHECER
REVISAR
INCLUIR
TRANSFORMAR



AYA EDITORA
2026

ABORDAGEM DO RACISMO E DA HISTÓRIA AFRO-BRASILEIRA

NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA

Leitura crítica, educação antirracista
e caminhos para a prática docente

*“Uma educação
que reconhece
também liberta.”*

CONHECER
REVISAR
INCLUIR
TRANSFORMAR

OUTRAS
NARRATIVAS
TAMBÉM
CONSTRUEM
A HISTÓRIA



AUTORA

SARA SOUZA DOS SANTOS

ABORDAGEM DO RACISMO E DA HISTÓRIA AFRO-BRASILEIRA

NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA

Leitura crítica, educação antirracista
e caminhos para a prática docente

OUTRAS
NARRATIVAS
TAMBÉM
CONSTRUEM
A HISTÓRIA

*"Uma educação
que reconhece
também liberta."*

CONHECER
REVISAR
INCLUIR
TRANSFORMAR



AYA EDITORA
2026

Direção Editorial

Prof.º Dr. Adriano Mesquita Soares

Executiva de Negócios

Ana Lucia Ribeiro Soares

Autora

Prof.ª Ma. Sara Souza dos Santos

Revisão

A Autora

Produção Editorial

AYA Editora©

Imagem de Capa

GPT Images 2

Capa

AYA Editora©

Área do Conhecimento

Ciências Humanas

Conselho Editorial

Prof.º Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva (UNIDAVI)

Prof.ª Dr.ª Adriana Almeida Lima (UEA)

Prof.º Dr. Aknaton Toczec Souza (UCPEL)

Prof.º Dr. Alaerte Antonio Martelli Contini (UFGD)

Prof.º Dr. Argemiro Midonês Bastos (IFAP)

Prof.º Dr. Carlos Eduardo Ferreira Costa (UNITINS)

Prof.º Dr. Carlos López Noriega (USP)

Prof.ª Dr.ª Claudia Flores Rodrigues (PUCRS)

Prof.ª Dr.ª Daiane Maria de Genaro Chioli (UTFPR)

Prof.ª Dr.ª Danyelle Andrade Mota (IFPI)

Prof.ª Dr.ª Déa Nunes Fernandes (IFMA)

Prof.ª Dr.ª Déborah Aparecida Souza dos Reis (UEMG)

Prof.º Dr. Denison Melo de Aguiar (UEA)

Prof.º Dr. Emerson Monteiro dos Santos (UNIFAP)

Prof.º Dr. Gilberto Zammar (UTFPR)

Prof.º Dr. Gustavo de Souza Preussler (UFGD)

Prof.ª Dr.ª Helenadja Santos Mota (IF Baiano)

Prof.ª Dr.ª Heloísa Thaís Rodrigues de Souza (UFS)

Prof.ª Dr.ª Ilma Rodrigues de Souza Fausto (IFRO)

Prof.ª Dr.ª Ingridi Vargas Bortolaso (UNISC)

Prof.ª Dr.ª Jéssyka Maria Nunes Galvão (UFPE)

Prof.º Dr. João Luiz Kovaleski (UTFPR)

Prof.º Dr. João Paulo Roberti Junior (UFRR)

Prof.º Dr. José Enildo Elias Bezerra (IFCE)

Prof.º Dr. Luiz Flávio Arreguy Maia-Filho (UFRPE)

Prof.ª Dr.ª Maralice Cunha Verciano (CEDEUAM-Unisalento -
Lecce - Itália)

Prof.^a Dr.^a Marcia Cristina Nery da Fonseca Rocha Medina (UEA)
Prof.^a Dr.^a Maria Gardênia Sousa Batista (UESPI)
Prof.^o Dr. Myller Augusto Santos Gomes (UTFPR)
Prof.^o Dr. Pedro Fauth Manhães Miranda (UEPG)
Prof.^o Dr. Rafael da Silva Fernandes (UFRA)
Prof.^o Dr. Raimundo Santos de Castro (IFMA)
Prof.^a Dr.^a Regina Negri Pagani (UTFPR)
Prof.^o Dr. Ricardo dos Santos Pereira (IFAC)
Prof.^o Dr. Rômulo Damasclin Chaves dos Santos (ITA)
Prof.^a Dr.^a Silvia Gaia (UTFPR)
Prof.^a Dr.^a Tânia do Carmo (UFPR)
Prof.^o Dr. Ygor Felipe Távora da Silva (UEA)

Conselho Científico

Prof.^o Me. Abraão Lucas Ferreira Guimarães
Prof.^a Dr.^a Andreia Antunes da Luz (UniCesumar)
Prof.^o Dr. Clécio Danilo Dias da Silva (UFRGS)
Prof.^o Dr. Diogo Luiz Cordeiro Rodrigues (UFPR)
Prof.^o Me. Ednan Galvão Santos (IF Baiano)
Prof.^a Dr.^a Eliana Leal Ferreira Hellvig (UFPR)
Prof.^o Dr. Fabio José Antonio da Silva (HONPAR)
Prof.^o Dr. Gilberto Sousa Silva (FAESF)
Prof.^a Dr.^a Karen Fernanda Bortoloti (UFPR)
Prof.^a Dr.^a Leozenir Mendes Betim (FAEF)
Prof.^a Dr.^a Lucimara Glap (FCSA)
Prof.^o Dr. Milson dos Santos Barbosa (UniOPET)
Prof.^o Dr. Rudy de Barros Ahrens (UNIR)
Prof.^a Dr.^a Silvia Aparecida Medeiros Rodrigues (FAEF)
Prof.^a Dr.^a Sueli de Fátima de Oliveira Miranda Santos (UTFPR)
Prof.^a Dr.^a Tássia Patrícia Silva do Nascimento (UEA)
Prof.^a Dr.^a Thaisa Rodrigues (IFSC)

Copyright do Texto © 2026 da autora

Copyright da Edição © 2026 AYA Editora (projeto gráfico, diagramação e visual de capa)

S2373 Santos, Sara Souza dos

Abordagem do racismo e da história afro-brasileira nos livros didáticos de história. [recurso eletrônico]. / Sara Souza dos Santos. -- Ponta Grossa: Aya, 2026. 44 p.

Inclui biografia

Inclui índice

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN: 978-65-6228-051-7

DOI: 10.47573/aya.6228.1.505

1. Cultura afro-brasileira - Estudo e ensino. 2. Discriminação na educação - Legislação – Brasil. 3. Racismo na educação. 4. Negros nos livros. I. Título

CDD: 305.8

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Bruna Cristina Bonini - CRB 9/1347

AYA Editora©

Fone: +55 42 3086-3131 | WhatsApp: +55 42 99906-0630

E-mail: contato@ayaeditora.com.br | Site: <https://ayaeditora.com.br>

Declaração da Editora

O conteúdo autoral próprio desta obra é disponibilizado sob a Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional — CC BY 4.0, que permite seu uso, reprodução, distribuição e adaptação, inclusive para fins comerciais, desde que sejam atribuídos os devidos créditos à autora, indicada a licença aplicável e informadas eventuais alterações realizadas.

A licença não se aplica ao projeto gráfico, à diagramação, ao design de capa nem aos materiais de terceiros utilizados na obra, tais como citações, imagens, gráficos, documentos, marcas e outros conteúdos identificados por crédito, referência ou indicação específica. Esses materiais permanecem sujeitos aos respectivos direitos autorais, licenças, autorizações e limitações legais.

A reprodução ou reedição da obra por terceiros deverá adotar apresentação gráfica própria ou contar com autorização expressa da AYA Editora para a utilização da edição gráfica.

A autora é responsável pela autoria, originalidade, precisão e licitude de sua contribuição intelectual, pela correta indicação das fontes e referências, bem como pela obtenção das autorizações necessárias para a utilização de materiais de terceiros.

As análises, interpretações e opiniões apresentadas são de responsabilidade da autora e não refletem, necessariamente, o posicionamento da AYA Editora, de seu conselho editorial ou das instituições mencionadas.

A atuação da AYA Editora limitou-se aos serviços editoriais e técnicos contratados, incluindo produção editorial, projeto gráfico, diagramação, registro e disponibilização da obra, não implicando titularidade, responsabilidade autoral ou ingerência sobre o conteúdo textual.

As referências a pessoas, instituições, autoridades e fatos históricos possuem finalidade informativa, acadêmica, crítica ou de pesquisa e devem observar a legislação aplicável, inclusive as normas relativas aos direitos autorais e aos direitos da personalidade.

A AYA Editora não comercializa esta obra nem recebe royalties, comissões ou participação nas receitas decorrentes de sua venda ou distribuição. A autora e terceiros poderão explorar comercialmente o conteúdo autoral próprio nos limites da Licença CC BY 4.0, desde que não utilizem a edição gráfica reservada à editora sem a correspondente autorização.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	10
DE ONDE PARTE A INVESTIGAÇÃO	11
O Problema que Orienta o Estudo	11
Objetivo Geral e Objetivos Específicos	11
RACISMO, ESCRAVIZAÇÃO E PERMANÊNCIAS HISTÓRICAS	13
Escravidão não Significa Ausência de Agência.....	13
Abolição sem Reparação e Racismo Estrutural	14
Democracia Racial, Desigualdade e Movimentos Negros.....	15
O LIVRO DIDÁTICO TAMBÉM PRODUZ SENTIDOS	17
Quando a História Negra Aparece apenas pela Escravidão	17
A Imagem Também Ensina	18
Linguagem, Silêncios e Escolhas de Narrativa.....	19
Exemplos Discutidos no Estudo	19
LEI 10.639/2003: AVANÇOS, LIMITES E SILENCIAMENTOS	21
O que Mudou e o que Ainda Precisa Mudar	21
EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA E MEDIAÇÃO DOCENTE	23
O Professor como Mediador Crítico	23
Ensino como Prática de Liberdade	24
Alternativas ao uso Exclusivo do Livro	24
ROTEIRO PARA LEITURA CRÍTICA DO LIVRO DIDÁTICO	26
Oito dimensões de análise	26
Como usar o Roteiro na Prática	27
CAMINHOS PEDAGÓGICOS PARA AMPLIAR O LIVRO.....	28
METODOLOGIA E CORPUS DA PESQUISA.....	31
Corpus Documental	31
Categorias Previstas para a Análise.....	31

PRODUTO EDUCACIONAL E CONTRIBUIÇÕES.....	33
SÍNTESE FINAL	34
REFERÊNCIAS	35
SOBRE A AUTORA	38
ÍNDICE REMISSIVO	39

APRESENTAÇÃO

Este e-book nasce de uma investigação sobre um recurso que faz parte da rotina de praticamente todas as escolas: o livro didático de História. Mais do que reunir informações, esse material seleciona acontecimentos, personagens, imagens e perspectivas. Por isso, participa da construção de referências sobre o passado e influencia a maneira como estudantes compreendem o presente.

A pesquisa de Sara Souza dos Santos concentra-se na abordagem do racismo e da história afro-brasileira nos livros destinados aos Anos Finais do Ensino Fundamental, tomando como referência a realidade das escolas públicas de Montanha, no Espírito Santo. O ponto de partida é a constatação de que os avanços legais conquistados nas últimas décadas - sobretudo a Lei nº 10.639/2003 - ampliaram a presença da história e da cultura afro-brasileira e africana nos currículos, mas não eliminaram automaticamente narrativas eurocêntricas, silenciamentos, estereótipos e abordagens superficiais.

Ao reorganizar o estudo para este formato, o objetivo não é reduzir a pesquisa a um conjunto de tópicos rápidos. A proposta é apresentar suas ideias centrais de forma mais fluida, articulando contexto histórico, discussão teórica, leitura crítica do livro didático e implicações pedagógicas. O leitor encontrará, portanto, uma síntese ampliada: mais direta do que o texto acadêmico original, mas suficientemente desenvolvida para preservar os argumentos, os conceitos e as questões que sustentam a investigação.

COMO LER ESTE MATERIAL

Os capítulos iniciais recuperam os fundamentos históricos e sociológicos do racismo no Brasil. Em seguida, o foco se desloca para a forma como a população negra é representada nos livros didáticos. A parte final transforma essa reflexão em critérios de análise e caminhos pedagógicos para o professor, sem apresentar como “resultado” aquilo que o projeto ainda propõe investigar empiricamente.

Essa distinção é importante: o documento-base está redigido como resultado de estudo proveniente da dissertação. Este e-book, portanto, trabalha com hipóteses, categorias de análise e expectativas de resultados. Este produto respeita esse estágio do estudo. Onde o texto apresenta referências e exemplos já discutidos pela literatura, eles são preservados; a pesquisa ainda prevê análise documental dos volumes selecionados e não são inventadas conclusões.

DE ONDE PARTE A INVESTIGAÇÃO

A escolha do tema está ligada à trajetória acadêmica e profissional da autora. Sara iniciou a Licenciatura em História na Universidade Federal do Espírito Santo em 2014 e concluiu a graduação em 2018. Em 2019, deu continuidade à formação com uma pós-graduação em Metodologia do Ensino de História e Geografia. Nesse percurso, passou a investigar como o racismo é abordado nos livros didáticos do Ensino Fundamental, tema retomado e aprofundado no Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação.

A experiência docente e a vivência em uma cidade do interior também atravessam essa escolha. O documento registra a percepção de um racismo naturalizado no cotidiano e a distância, especialmente na década de 1990, entre os debates raciais que ganhavam visibilidade nos grandes centros e a velocidade com que essas discussões chegavam a municípios menores. Em 2024, a participação na formação continuada Raízes - Educação das Relações Étnico-raciais reforçou o interesse em discutir o racismo estrutural, a prática docente e os materiais utilizados em sala de aula.

O Problema que Orienta o Estudo

A questão central pode ser resumida da seguinte forma: como os livros didáticos de História do Ensino Fundamental adotados na rede pública de Montanha-ES representam o racismo e a história afro-brasileira? A hipótese levantada é que essas narrativas tendem, em muitos casos, a concentrar-se em personagens ou acontecimentos isolados - como Zumbi dos Palmares e a Abolição - em vez de apresentar processos históricos mais amplos de resistência, produção cultural e contribuição contínua da população negra.

Essa fragmentação pode produzir uma leitura superficial da história, sobretudo quando a África aparece apenas como origem da mão de obra escravizada e quando os sujeitos negros são apresentados predominantemente em posições de submissão. A preocupação central da pesquisa é compreender se os materiais contribuem para desconstruir essas visões ou se, mesmo de forma sutil, continuam reforçando hierarquias e silenciamentos.

Objetivo Geral e Objetivos Específicos

O objetivo geral é analisar criticamente a abordagem do racismo e da história afro-brasileira em livros didáticos de História dos Anos Finais do Ensi-

no Fundamental, identificando avanços, limites e possíveis impactos na prática pedagógica antirracista.

- Mapear como os livros representam a população negra, sua história e suas contribuições para a sociedade brasileira.
- Avaliar os avanços e os limites dessas representações à luz da Lei nº 10.639/2003, observando estereótipos, silenciamentos e formas de protagonismo.
- Relacionar as abordagens identificadas aos seus possíveis efeitos na perpetuação ou na desconstrução do racismo estrutural no ambiente escolar.
- Elaborar um e-book para educadores, com orientações práticas para a seleção e o uso crítico de materiais didáticos alinhados a uma educação antirracista.

POR QUE O LIVRO DIDÁTICO IMPORTA

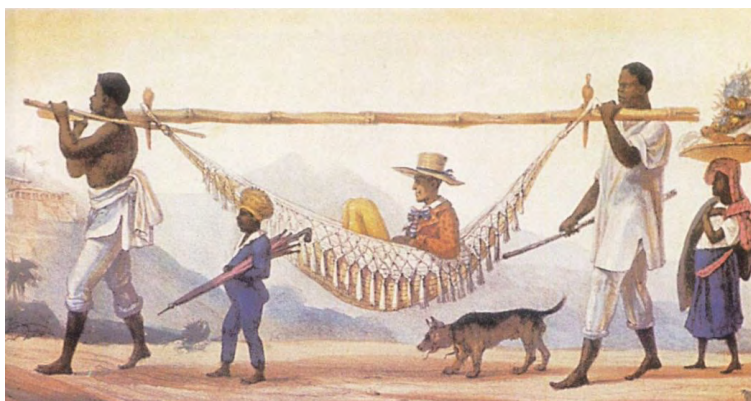
Na educação básica, o livro costuma ser uma das principais fontes de consulta de professores e estudantes. Ele não transmite apenas fatos: também veicula valores, hierarquias, imagens de pertencimento e narrativas sobre quem aparece como sujeito da história. Por isso, sua leitura crítica é parte da própria prática pedagógica.

RACISMO, ESCRAVIZAÇÃO E PERMANÊNCIAS HISTÓRICAS

O referencial teórico da pesquisa parte da compreensão de que o racismo no Brasil é histórico e estrutural. A escravização de africanos e seus descendentes foi um dos pilares da formação econômica, social e política do país. Não se tratou apenas de um sistema de exploração do trabalho, mas de uma ordem sustentada por ideias de inferiorização, por mecanismos de controle e por uma organização social profundamente hierarquizada.

Ao longo de mais de três séculos, o trabalho de pessoas escravizadas esteve presente na produção açucareira, na mineração, no café, nos serviços urbanos e domésticos. A escravidão organizou a economia e também distribuiu poder, direitos e posições sociais. Conforme discutem autores mobilizados no estudo, essa centralidade ajuda a compreender por que o fim jurídico da escravidão, em 1888, não significou o desaparecimento das desigualdades que haviam sido produzidas durante o período colonial e imperial.

Figura 1 - Práticas da escravidão.



Fonte: Segatto, 2021, conforme documento-base da pesquisa.

Escravidão não Significa Ausência de Agência

O estudo procura evitar uma leitura em que os africanos e afrodescendentes apareçam somente como vítimas passivas. A violência do sistema precisa ser reconhecida em toda a sua dimensão, mas isso não elimina as formas de resistência e negociação construídas pelas pessoas escraviza-

das. Quilombos, insurreições, preservação de práticas religiosas, culinária, música, vínculos comunitários, estratégias de alforria e diferentes formas de enfrentamento mostram que a história negra não pode ser reduzida à submissão.

Essa distinção é central para a análise dos livros didáticos: enfatizar apenas a condição de exploração pode produzir uma narrativa que, mesmo denunciando a violência, retira dos sujeitos negros sua capacidade de agir historicamente. Uma educação antirracista precisa apresentar simultaneamente a brutalidade da escravização e a agência de pessoas e comunidades que criaram formas de sobrevivência, resistência, cultura e organização política.

Abolição sem Reparação e Racismo Estrutural

Após a abolição, a população negra não recebeu políticas amplas de acesso à terra, educação, moradia, saúde ou trabalho digno. O documento relaciona essa ausência de reparação à permanência de desigualdades que atravessam o mercado de trabalho, o espaço urbano, a representação política e as instituições educacionais. É nesse sentido que o conceito de racismo estrutural, discutido por Silvio Almeida, ajuda a compreender o problema: o racismo não depende apenas de atos individuais explícitos, pois também se reproduz por normas, práticas e instituições que mantêm privilégios e desigualdades históricas.

Figura 2 - A marginalização negra no pós-abolição.



Fonte: Porfírio, 2025, conforme documento-base da pesquisa.

Os dados mobilizados no projeto ajudam a dimensionar a desigualdade. Na tabela apresentada no documento-base, em 2022, 35,4% da população branca entre os indicadores considerados aparecia no ensino superior, diante de 18,6% da população negra; a taxa de analfabetismo registrada era de 3,7% entre brancos e 8,8% entre negros. Esses números são apresentados no estudo como evidências de que a desigualdade racial permanece presente na educação e não pode ser explicada como resultado apenas de escolhas individuais.

Indicador em 2022	População branca	População negra
Participação no ensino superior	35,4%	18,6%
Taxa de analfabetismo	3,7%	8,8%

LEITURA HISTÓRICA NECESSÁRIA

A abolição precisa ser ensinada como parte de um processo, e não como um ponto final que teria resolvido a desigualdade racial. Relacionar escravidão, pós-abolição, ausência de reparação e desigualdades contemporâneas permite compreender continuidades históricas sem apagar as formas de resistência e conquista de direitos.

Democracia Racial, Desigualdade e Movimentos Negros

Outro eixo importante do referencial é a crítica ao chamado mito da democracia racial. A ideia de que a miscigenação teria produzido uma convivência harmoniosa entre brancos, negros e indígenas marcou por décadas a autoimagem nacional. O projeto recupera o contraste entre interpretações associadas a Gilberto Freyre e leituras críticas desenvolvidas por pesquisadores como Florestan Fernandes, Munanga, Schwarcz e outros autores que demonstram como a aparente harmonia pode esconder desigualdades persistentes.

A negação ou minimização do racismo tem efeito pedagógico: se a desigualdade é apresentada como algo já superado, torna-se mais difícil reconhecer os mecanismos que continuam produzindo exclusão. A crítica à democracia racial, portanto, não busca negar a miscigenação brasileira, mas questionar seu uso como argumento para invisibilizar relações de poder e dispensar políticas de equidade.

A resistência negra, por sua vez, não se limita ao período escravista. O estudo destaca a continuidade da organização política e social em diferentes

momentos, dos quilombos e irmandades às organizações do século XX e aos movimentos contemporâneos. A Frente Negra Brasileira, o Movimento Negro Unificado, os Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros e outras organizações aparecem como parte de uma trajetória de reivindicação de cidadania, reconhecimento, educação e políticas públicas.

Figura 4 - Manifestação popular contra o racismo.



Fonte: Justino, 2020, conforme documento-base da pesquisa.

A própria Lei nº 10.639/2003 é apresentada como resultado dessa mobilização histórica. Sua existência mostra que mudanças curriculares não ocorreram espontaneamente: foram conquistadas por movimentos, intelectuais e educadores que denunciaram a ausência da população negra na narrativa escolar e reivindicaram outra forma de ensinar a história do país.

O LIVRO DIDÁTICO TAMBÉM PRODUZ SENTIDOS

Quando o livro didático é tratado apenas como um repositório de informações, perde-se uma dimensão essencial de sua função. Todo material escolar seleciona conteúdos, organiza temporalidades, escolhe imagens, define conceitos e estabelece relações entre acontecimentos. Essas escolhas constroem uma narrativa e indicam, de modo explícito ou implícito, quais sujeitos e experiências merecem centralidade.

A pesquisa parte justamente desse princípio: o livro não é neutro. Ele pode ampliar repertórios, oferecer referências positivas e favorecer uma leitura crítica da sociedade, mas também pode reproduzir estereótipos, silenciar vozes e naturalizar hierarquias. Por isso, analisar a história afro-brasileira nos materiais didáticos exige observar tanto aquilo que está presente quanto aquilo que foi deixado de fora.

Quando a História Negra Aparece apenas pela Escravidão

Um dos problemas recorrentes discutidos no referencial é a associação quase exclusiva entre população negra e escravidão. Quando o continente africano surge apenas como ponto de origem do tráfico atlântico e os afro-brasileiros aparecem sobretudo como mão de obra explorada, a narrativa deixa pouco espaço para sociedades africanas complexas, conhecimentos, organizações políticas, produções culturais, trajetórias intelectuais e experiências do pós-abolição.

O estudo cita como exemplo a abordagem superficial de reinos e sociedades africanas, como Mali, Congo, Benin e Songhai. Quando esses temas são apresentados de forma isolada ou descontextualizada, a presença da África no currículo pode até aumentar quantitativamente, mas continuar subordinada a uma lógica eurocêntrica. A questão, portanto, não é apenas inserir mais páginas, e sim rever o lugar ocupado por esses conteúdos na narrativa histórica.

PERGUNTA-CHAVE

Ao analisar um capítulo, não basta perguntar “a África aparece?”. É preciso observar de que modo ela aparece: como continente diverso e historicamente complexo ou apenas como cenário anterior à escravização?

A Imagem Também Ensina

Os elementos iconográficos merecem a mesma atenção dedicada ao texto. Fotografias, gravuras, ilustrações, mapas e composições visuais podem ampliar a compreensão histórica, mas também podem reforçar associações entre negritude, sofrimento, pobreza e subalternidade quando repetem sempre os mesmos enquadramentos. O problema não é representar a violência histórica, que precisa ser estudada, mas permitir que essa seja a única imagem disponível sobre sujeitos negros.

Figura 3 - Divisão do engenho.



Fonte: Lima, 2020, conforme documento-base da pesquisa.

Uma imagem como a representação do engenho pode contribuir para discutir a organização econômica, a concentração fundiária e a exploração da força de trabalho. Entretanto, a mediação docente precisa evitar que a leitura visual se encerre na descrição da cena. Quem ocupa cada espaço? Que relações de poder são representadas? Onde estão as formas de resistência? Que outras imagens poderiam ser utilizadas para mostrar sujeitos negros em contextos de liderança, conhecimento, organização política e produção cultural? Essas perguntas transformam a imagem em fonte de análise, e não apenas em ilustração.

Linguagem, Silêncios e Escolhas de Narrativa

A linguagem empregada no material didático também produz sentidos. O documento problematiza o uso do termo “escravos” e destaca a preferência por “pessoas escravizadas” ou “escravizados”, justamente porque a segunda formulação evidencia que a escravidão foi uma condição imposta historicamente, e não uma característica inerente a determinados grupos. A escolha lexical ajuda a deslocar o olhar da suposta condição natural para o processo de violência e dominação.

Os silêncios são igualmente significativos. A quase ausência de África pré-colonial, de intelectuais negros, de trajetórias políticas, de contribuições científicas e artísticas ou do debate sobre o racismo contemporâneo transmite uma mensagem implícita sobre o que é considerado relevante. Como sintetiza o próprio estudo, aquilo que não é dito também educa.

Essas ausências podem afetar a forma como estudantes negros constroem autoestima e pertencimento, mas seus efeitos não se limitam a eles. Estudantes brancos também aprendem, por meio de currículos e materiais, quais grupos são associados à produção de conhecimento, liderança e poder. Por isso, a representação é uma questão coletiva: ela participa da formação de expectativas sociais, identidades e percepções sobre desigualdade.

Exemplos Discutidos no Estudo

O documento-base mobiliza passagens de livros da coleção História: Sociedade & Cidadania, em edições de 2018 vinculadas ao PNLD 2020, para exemplificar como escolhas aparentemente simples podem produzir apagamentos. Em uma abordagem da Abolição, o destaque recai sobre a campanha abolicionista e a assinatura da Lei Áurea, o que pode reduzir a visibilidade das resistências negras e das múltiplas pressões sociais que antecederam 1888. Em outra passagem, a prosperidade dos chamados “barões do café” é descrita sem explicitar, naquele trecho, o trabalho escravizado que sustentava a produção.

O projeto também problematiza formulações que tratam pessoas escravizadas como propriedade perdida pelos fazendeiros após a Abolição. A crítica não está apenas no vocabulário isolado, mas na perspectiva que organiza a narrativa: quando os interesses dos proprietários são detalhados e a experiência dos sujeitos negros aparece de forma reduzida, o texto pode

naturalizar uma hierarquia entre quem ocupa o centro da história e quem permanece como objeto do processo.

CUIDADO METODOLÓGICO

Esses exemplos fazem parte da discussão já registrada no documento-base. O corpus principal definido para a pesquisa, entretanto, corresponde aos quatro volumes da coleção distribuídos no PNLD 2024-2027 e utilizados em Montanha-ES. A análise sistemática desse corpus deve seguir os critérios descritos no capítulo metodológico, sem antecipar resultados.

LEI 10.639/2003: AVANÇOS, LIMITES E SILENCIAMENTOS

A Lei nº 10.639/2003 alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e tornou obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Posteriormente, a Lei nº 11.645/2008 ampliou a obrigatoriedade ao incluir também a história e a cultura dos povos indígenas. No estudo, esses marcos aparecem como conquistas históricas que deslocaram a questão racial de uma posição periférica para uma exigência curricular.

Os efeitos da legislação podem ser percebidos na ampliação de conteúdos sobre África, quilombos, resistência e manifestações culturais afro-brasileiras. O referencial reconhece esses avanços. Ao mesmo tempo, ressalta que presença temática não é sinônimo de transformação da perspectiva: um livro pode cumprir formalmente a exigência legal e ainda organizar o conteúdo a partir de um centro de referência europeu, tratando as experiências africanas e afro-brasileiras como complementos.

O que Mudou e o que Ainda Precisa Mudar

Elemento analisado	Antes da Lei 10.639/03	Após a Lei - tendência discutida no estudo
Representação da escravidão	Funcionalista, neutra ou ausente	Mais frequente, porém ainda pode ser superficial
Protagonismo negro	Invisível ou marginal	Maior presença, mas ainda limitada
Presença de autores negros	Quase inexistente	Crescimento ainda tímido
Culturas africanas e afro-brasileiras	Generalizadas e estereotipadas	Maior detalhamento em alguns materiais
Práticas de resistência	Raramente mencionadas	Maior ênfase em quilombos e rebeliões

A síntese acima, adaptada do quadro presente no projeto, evidencia uma mudança importante: a legislação ampliou a visibilidade, mas o desafio passou a ser também qualitativo. É preciso observar se as sociedades africanas aparecem em sua diversidade, se os quilombos são apresentados como experiências de organização social e política, se a contribuição negra integra a narrativa principal e se o racismo contemporâneo é problematizado como fenômeno estrutural.

O estudo insiste em um ponto decisivo: a implementação da lei não depende somente das editoras. Formação docente, planejamento pedagógico e leitura crítica do material são igualmente fundamentais. Sem mediação, conteúdos novos podem permanecer isolados, restritos a datas comemorativas ou apresentados como curiosidades. Com mediação, até um material com limitações pode se tornar objeto de problematização e de produção de conhecimento.

DA INCLUSÃO À TRANSFORMAÇÃO

Mais do que acrescentar conteúdos sobre população negra, a educação antirracista demanda transformar o eixo que organiza a narrativa: reconhecer a África e a diáspora como partes constitutivas da história, valorizar sujeitos negros como agentes e relacionar passado e presente sem naturalizar desigualdades.

EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA E MEDIÇÃO DOCENTE

Diante das limitações apontadas nos materiais didáticos, a pesquisa propõe uma mudança de foco: não se trata de abandonar o livro, mas de ressignificá-lo. Uma educação antirracista envolve o conteúdo, a linguagem, as fontes selecionadas, as perguntas feitas em sala, as referências apresentadas aos estudantes e a forma como o professor responde aos silêncios e estereótipos presentes no currículo.

As perspectivas decoloniais mobilizadas no estudo ajudam a questionar a ideia de que o conhecimento escolar é neutro. Ao longo da formação do currículo, determinadas experiências foram tratadas como universais e outras foram colocadas em posição secundária. Reconhecer esse processo abre espaço para epistemologias africanas e afro-brasileiras, para a memória de comunidades, para a produção de intelectuais negros e para outras formas de construir conhecimento histórico.

O Professor como Mediador Crítico

O professor ocupa uma posição estratégica porque é ele quem seleciona, interpreta, combina e contextualiza recursos. Mesmo um livro aprovado pelo PNLD pode exigir complementação. A mediação crítica começa quando o docente deixa de tratar o material como verdade acabada e passa a examiná-lo com os estudantes: quais vozes aparecem? Quem está ausente? Qual personagem recebe nome e biografia? Quem surge apenas como grupo genérico? Que relações de causa e consequência são explicitadas ou silenciadas?

Esse trabalho exige letramento racial, entendido no projeto como capacidade de reconhecer, compreender e enfrentar manifestações de racismo. A formação docente precisa ir além do conhecimento formal da Lei nº 10.639/2003. Ela deve oferecer repertório para abordar temas sensíveis, identificar estereótipos, discutir racismo estrutural e criar um ambiente em que diferentes experiências sejam reconhecidas como parte legítima do processo educativo.

Ensino como Prática de Liberdade

A reflexão de bell hooks, mobilizada no estudo, aproxima a educação antirracista da ideia de ensino como prática de liberdade. Isso significa criar condições para que estudantes questionem discursos naturalizados e reconheçam a historicidade das desigualdades. O objetivo não é substituir uma narrativa fechada por outra, mas ampliar o campo de perguntas, fontes e sujeitos considerados relevantes.

Essa perspectiva também ajuda a compreender por que representatividade não é um detalhe estético. Quando estudantes negros encontram referências de liderança, produção intelectual, ciência, arte, organização política e protagonismo histórico, ampliam-se as possibilidades de pertencimento e identificação. Ao mesmo tempo, toda a turma é convidada a reconhecer a sociedade brasileira como resultado de contribuições plurais, rompendo com a associação entre conhecimento legítimo e uma única tradição cultural.

Alternativas ao uso Exclusivo do Livro

O projeto apresenta diferentes caminhos para complementar o material didático. Eles não devem ser compreendidos como recursos decorativos, mas como fontes capazes de tensionar a narrativa principal e ampliar a leitura histórica. Entre eles estão a história oral, a literatura afro-brasileira, os acervos comunitários, a produção audiovisual, os materiais digitais, as produções acadêmicas de intelectuais negros e os projetos interdisciplinares.

A história oral, por exemplo, permite incorporar memórias de sujeitos e comunidades que raramente aparecem nos manuais escolares. Relatos de moradores, lideranças negras, descendentes de comunidades quilombolas e representantes de movimentos sociais podem aproximar o ensino das experiências locais, desde que sejam trabalhados com planejamento, contextualização e respeito aos sujeitos envolvidos.

Da mesma forma, músicas, religiosidades, literatura, danças e expressões artísticas afro-brasileiras não devem ser tratadas apenas como manifestações folclóricas. O referencial propõe compreendê-las como produções culturais complexas, relacionadas à formação histórica, econômica, política e identitária do país. Essa mudança de abordagem evita que a cultura negra apareça somente em ocasiões pontuais e ajuda a integrá-la ao currículo de maneira contínua.

Problema a enfrentar	Caminho pedagógico indicado pelo estudo
Vitimização da população negra	Evidenciar agência histórica, resistências, quilombos, produções culturais, intelectuais e políticas.
Pagamento de contribuições africanas e afro-brasileiras	Integrar essas contribuições ao currículo, e não apenas a boxes ou datas específicas.
Termos que naturalizam a opressão	Adotar linguagem crítica, como “pessoas escravizadas”, explicitando a condição historicamente imposta.
Silêncio sobre África pré-colonial e intelectuais negros	Apresentar sociedades africanas, pensadores, lideranças e múltiplas trajetórias negras.
Racismo tratado como problema do passado	Relacionar história, desigualdade contemporânea e racismo estrutural.
Dependência exclusiva do livro didático	Combinar história oral, literatura, acervos comunitários, recursos digitais e projetos interdisciplinares.

ROTEIRO PARA LEITURA CRÍTICA DO LIVRO DIDÁTICO

A partir das categorias presentes no próprio projeto, é possível organizar um roteiro de leitura que ajude o professor a analisar um livro antes da escolha ou durante seu uso em sala. O objetivo não é criar uma avaliação automática, mas tornar visíveis aspectos que costumam passar despercebidos quando a análise se limita à quantidade de conteúdo.

Oito dimensões de análise

1. Protagonismo histórico - A população negra aparece como agente de processos históricos ou apenas como vítima, mão de obra e personagem secundária?
2. África e diversidade histórica - O continente é apresentado em sua pluralidade, com sociedades, reinos, sistemas de conhecimento e dinâmicas próprias, ou aparece apenas ligado ao tráfico atlântico?
3. Escravização e resistência - A violência do sistema é explicitada? As resistências, negociações, quilombos, insurreições e práticas culturais são reconhecidas?
4. Pós-abolição - O material problematiza a ausência de reparação e as continuidades da desigualdade racial após 1888?
5. Racismo estrutural - O racismo é tratado apenas como preconceito individual ou também como fenômeno histórico, institucional e social?
6. Linguagem - Os termos utilizados humanizam os sujeitos e evidenciam a condição imposta pela escravização?
7. Imagens e iconografia - As imagens apresentam diversidade de papéis e contextos ou reforçam associações entre negritude e subalternidade?
8. Atividades e fontes - As propostas estimulam análise, comparação de fontes, debate e reflexão crítica, ou apenas repetição de informações?

Como usar o Roteiro na Prática

A leitura pode ser feita em três movimentos. Primeiro, observar o conjunto do livro: sumário, distribuição de capítulos, recorrência de temas, imagens de abertura e presença de referências africanas e afro-brasileiras. Segundo, selecionar capítulos-chave e analisar texto, imagens, boxes, atividades e fontes de forma integrada. Terceiro, registrar as lacunas e planejar complementações pedagógicas, sem transformar a ausência do livro em silêncio da aula.

CAMINHOS PEDAGÓGICOS PARA AMPLIAR O LIVRO

O produto educacional previsto no projeto não se limita à crítica. Sua finalidade é apoiar o professor na construção de outras possibilidades de trabalho. As propostas a seguir organizam, em formato didático, os caminhos explicitamente indicados no estudo - história oral, valorização da África pré-colonial, análise crítica de imagens e linguagem, resistência negra, recursos complementares e projetos interdisciplinares. Elas são sugestões pedagógicas derivadas do referencial, não resultados empíricos da análise documental.

Proposta 1 - África para além do tráfico atlântico

Objetivo: deslocar a África da posição de simples “origem dos escravizados” e trabalhar a diversidade histórica do continente.

1. Partida - Identificar como o livro apresenta a África antes do contato com o tráfico atlântico. Registrar quais sociedades, regiões e formas de organização aparecem.
2. Ampliação - Complementar o capítulo com materiais sobre reinos e sociedades mencionados no próprio estudo, como Mali, Congo, Benin e Songhai, observando organização política, comércio, produção cultural e conhecimentos.
3. Comparação - Pedir aos estudantes que comparem a imagem de África construída pelo livro com as informações complementares, destacando o que foi ampliado ou silenciado.
4. Síntese - Produzir um mapa conceitual ou painel que apresente o continente como espaço diverso, evitando generalizações e representações homogêneas.

Proposta 2 - Escravização e resistência na mesma narrativa

Objetivo: compreender a violência da escravização sem retirar das populações negras sua agência histórica.

1. Leitura - Selecionar um trecho do livro sobre trabalho escravizado e identificar as ações atribuídas aos sujeitos negros.
2. Problematisação - Perguntar se o texto apresenta apenas coerção e sofrimento ou se também registra quilombos, insurreições, alforrias, preservação cultural e outras formas de resistência.

3. Complementação - Utilizar uma fonte complementar - texto, relato, documento, material audiovisual ou acervo comunitário - que permita observar experiências de resistência.
4. Reescrita crítica - Convidar a turma a reescrever um pequeno parágrafo do livro, mantendo o rigor histórico, mas incorporando sujeitos, ações ou processos que estavam invisibilizados.

Proposta 3 - O que a imagem diz e o que ela não diz

Objetivo: desenvolver leitura crítica dos elementos iconográficos do livro didático.

1. Seleção - Escolher uma imagem relacionada à escravização, ao pós-abolição ou à cultura afro-brasileira.
2. Descrição - Antes de interpretar, listar personagens, posições, objetos, ambiente, gestos e elementos visuais.
3. Leitura de poder - Perguntar quem ocupa o centro, quem tem nome, quem aparece em posição de ação, liderança, trabalho ou submissão.
4. Contraponto - Buscar outra imagem ou fonte que apresente sujeitos negros em um contexto diferente e comparar os efeitos das duas representações.
5. Conclusão - Discutir por que a escolha de imagens também participa da construção de uma narrativa histórica.

Proposta 4 - Memória, história oral e território

Objetivo: ampliar a noção de fonte histórica e aproximar o currículo das experiências locais.

1. Tema - Definir, com a turma, um tema ligado à memória, identidade, trabalho, cultura ou relações raciais na comunidade.
2. Preparação - Construir perguntas de entrevista e discutir respeito, consentimento, escuta e contextualização do relato.
3. Registro - Realizar entrevistas ou rodas de conversa com pessoas da comunidade, utilizando gravação de áudio, vídeo ou anotações, conforme as condições da escola.
4. Contextualização - Relacionar os relatos ao conteúdo histórico estudado, observando aproximações, diferenças e marcas da experiência local.

5. Devolutiva - Organizar uma síntese, exposição, mural ou arquivo digital que valorize a memória produzida e reconheça os participantes como fontes do conhecimento.

Recursos complementares coerentes com o estudo

- Literatura afro-brasileira e produções de autores negros.
- Acervos comunitários, fotografias, documentos e memórias locais.
- Produções acadêmicas de intelectuais negros e estudos sobre relações étnico-raciais.
- Vídeos, podcasts e materiais digitais selecionados criticamente pelo professor.
- Projetos interdisciplinares que articulem História, Literatura, Arte e outros componentes.
- Atividades de comparação de fontes, análise de linguagem e leitura de imagens.

METODOLOGIA E CORPUS DA PESQUISA

O percurso metodológico apresentado no projeto é qualitativo e exploratório. O estudo articula a pesquisa bibliográfica - utilizada para mapear e discutir a produção acadêmica sobre racismo, relações étnico-raciais, educação e livro didático - à análise documental dos materiais que compõem o corpus. A Análise de Conteúdo, conforme Bardin, orienta a organização, a categorização e a interpretação do material.

A pesquisa bibliográfica não é tratada apenas como etapa introdutória. Ela funciona como procedimento de investigação: teses, dissertações, artigos e livros são examinados para identificar conceitos, metodologias, convergências, lacunas e contradições. O referencial selecionado articula fundamentos históricos e sociológicos do racismo, políticas educacionais, formação de professores, ações afirmativas e perspectivas decoloniais.

Corpus Documental

O corpus principal definido no projeto é a coleção História: Sociedade & Cidadania, da Editora FTD, de autoria de Alfredo Boulos Júnior, nos volumes destinados aos 6º, 7º, 8º e 9º anos do Ensino Fundamental - Anos Finais. A coleção foi selecionada por sua utilização nas redes públicas de Montanha-ES e por sua distribuição pelo PNLD 2024-2027.

A análise se concentra nos capítulos e seções relacionados à África, à escravização, à abolição, ao pós-abolição e às relações étnico-raciais. O projeto prevê que texto, imagens, ilustrações, atividades e quadros informativos sejam observados em conjunto, pois todos esses elementos compõem a mensagem pedagógica do livro.

Categorias Previstas para a Análise

Dimensão	O que observar no corpus
Representação da população negra	Presença, papel histórico, agência, diversidade de experiências e contextos.
África e cultura afro-brasileira	Complexidade histórica, centralidade ou marginalidade na narrativa, presença de estereótipos.

Dimensão	O que observar no corpus
Racismo	Conceitos utilizados, relação com estruturas sociais e articulação entre passado e presente.
Linguagem	Termos empregados e seus efeitos de humanização, naturalização ou problematização.
Iconografia	Papéis sociais, enquadramentos, diversidade de imagens e possíveis associações estereotipadas.
Atividades pedagógicas	Potencial para reflexão, análise de fontes, debate e construção de pensamento crítico.
Lei 10.639/2003	Grau de aderência às diretrizes e presença substantiva da temática afro-brasileira e africana.

As etapas da Análise de Conteúdo descritas no projeto envolvem pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados. Primeiro, o corpus é organizado e submetido a uma leitura inicial; depois, os conteúdos são codificados a partir das categorias definidas; por fim, os dados são interpretados à luz do referencial teórico. Essa sistematização é importante para que a crítica ao livro não se reduza a impressões isoladas.

PRODUTO EDUCACIONAL E CONTRIBUIÇÕES

O produto educacional previsto no projeto é um guia didático em formato de e-book direcionado a professores do Ensino Fundamental. Seu objetivo central é apoiar a identificação e a superação de abordagens estereotipadas, superficiais ou omissas sobre a história e a cultura afro-brasileira nos livros didáticos de História.

A relevância do produto está em transformar a discussão acadêmica em instrumento de ação. Por isso, o guia combina três frentes: critérios para leitura e escolha de materiais, propostas de ressignificação do livro já adotado e sugestões de fontes ou práticas complementares. O professor aparece como agente transformador, capaz de reconhecer limites, tensionar narrativas e criar condições para uma aprendizagem historicamente rigorosa e comprometida com os direitos humanos.

Para educadores, a pesquisa oferece um repertório crítico para analisar materiais com maior intencionalidade. Para gestores, pode subsidiar formação continuada e processos de escolha de coleções. Em uma dimensão mais ampla, o estudo reforça a compreensão de que o livro didático pode tanto reproduzir quanto contestar visões de mundo, e que sua utilização precisa estar vinculada a um projeto de educação plural e antirracista.

O SENTIDO DO PRODUTO

O objetivo não é produzir um “manual de correção” do professor, mas oferecer perguntas, critérios e possibilidades. A educação antirracista é construída pelo modo como se seleciona, se contextualiza, se problematiza e se amplia o conhecimento em sala de aula.

SÍNTESE FINAL

A leitura do estudo permite compreender que a presença da história afro-brasileira no currículo é condição necessária, mas não suficiente, para uma educação antirracista. O ponto decisivo está na qualidade das narrativas: quem aparece como sujeito, quais experiências são valorizadas, como a África é apresentada, de que maneira a escravização e a resistência são articuladas e se o racismo é compreendido como questão histórica e estrutural.

O livro didático, por sua centralidade na educação básica, precisa ser analisado com o mesmo rigor dedicado a qualquer fonte histórica. Textos, imagens, silêncios, conceitos e atividades comunicam visões de mundo. Reconhecer esse caráter não diminui a importância do livro; ao contrário, permite utilizá-lo de forma mais consciente e produtiva.

A pesquisa também reafirma a importância da atuação docente. O professor não é simples transmissor do material: é mediador, selecionador de fontes, formulador de perguntas e organizador de experiências de aprendizagem. Quando dispõe de repertório teórico e letramento racial, pode transformar limites do livro em oportunidades de análise, ampliar perspectivas e construir uma sala de aula em que a população negra seja reconhecida em sua humanidade, diversidade e agência histórica.

Por fim, o estudo aponta para uma prática pedagógica que não trate a educação antirracista como tema eventual. A história africana e afro-brasileira precisa integrar a compreensão do Brasil e do mundo, atravessando conteúdos, fontes e discussões ao longo do percurso escolar. Esse é o sentido maior do produto educacional: oferecer apoio para que a escola deixe de reproduzir silêncios e se fortaleça como espaço de conhecimento, pertencimento, crítica e transformação social.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.
- ALVES, Maria Marcia. **Lei 10.639/03, formação docente e NEABs: a democratização do currículo como um desafio para a educação brasileira**. Cadernos do Aplicação, v. 30, n. 1-2, 2017.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2018.
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.
- BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394/1996 para incluir a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira.
- BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008**. Inclui no currículo oficial a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena.
- CANDAU, Vera Maria. **Educação intercultural: desafios e possibilidades**. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2020.
- CARVALHO, Carolina Vieira; BOTELHO, Rafael Lucas Barros; RASSI, Marcos Antonio Caixeta. **Escravo x escravizado: reflexões sobre a escravidão**. Revista Pergaminho, n. 12, 2021.
- CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. São Paulo: Contexto, 2012.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. 6. ed. São Paulo: Contracorrente, 2021.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**. São Paulo: Global, 2006.
- GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis: Vozes, 2017.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: síntese de indicadores sociais 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

JÚNIOR, Alfredo Boulos. **História, sociedade & cidadania**. 8º ano: ensino fundamental - anos finais. 4. ed. São Paulo: FTD, 2018.

JÚNIOR, Alfredo Boulos. **História, sociedade & cidadania**. 9º ano: ensino fundamental - anos finais. 4. ed. São Paulo: FTD, 2018.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2018.

MATTOS, Hebe; ABREU, Martha; GURAN, Milton. **Por uma história pública dos africanos escravizados no Brasil**. Estudos Históricos, v. 27, n. 54, 2014.

MATTOS, Wilson Roberto de. **Educação para as relações étnico-raciais: formação docente e práticas pedagógicas**. Curitiba: CRV, 2020.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Lisboa: Antígona, 2018.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MUNANGA, Kabengele. **Origens africanas do Brasil contemporâneo: histórias, línguas, culturas e civilizações**. São Paulo: Global, 2009.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. 5. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de. **Ensino de história e diversidade cultural: desafios e possibilidades**. Petrópolis: Vozes, 2015.

PEREIRA, Ailton Leal. **Livro didático de história: de qual África ele fala?** Jundiaí: Paco Editorial, 2020.

PEREIRA, Daiane Cristine Souza dos Santos; FREITAS, Claudenice Ribeiro de. Movimento social negro: caminhos emancipatórios na luta pela educação. **Revista da ABPN**, v. 12, 2020.

PINHEIRO, Bianca Cristina da Silva. **Como ser um educador antirracista**. São Paulo: Planeta, 2023.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. **Brasil: uma biografia**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SODRÉ, Muniz. **O fascismo da cor: uma radiografia do racismo nacional**. Petrópolis: Vozes, 2023.

WALSH, Catherine. **Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir**. Quito: Abya Yala, 2013.

SOBRE A AUTORA

Sara Souza dos Santos



Licenciada em História pela Universidade Federal do Espírito Santo (2018) e pós-graduada em Metodologia do Ensino de História e Geografia pela Faculdade Dom Alberto (2021).

Professora da educação básica, sua trajetória acadêmica e profissional está vinculada ao ensino de História e às relações étnico-raciais. Em 2024, participou da formação continuada Raízes - Educação das Relações Étnico-raciais, experiência que contribuiu para aprofundar seu

interesse pelo enfrentamento do racismo estrutural no ambiente escolar.

No Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação do Centro Universitário Vale do Cricaré, desenvolve pesquisa sobre a representação do racismo e da história afro-brasileira nos livros didáticos de História dos Anos Finais do Ensino Fundamental, com foco em práticas pedagógicas críticas e antirracistas.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abolição 11, 14, 15, 17, 19, 26, 29, 31

África 10, 11, 13, 17, 19, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 31, 32, 34

Agência dos sujeitos negros 13, 14, 25, 28, 31, 34

Almeida, Silvio 14

Análise de Conteúdo 31, 32

C

Cidadania 16, 19, 31

Colonialismo 13, 19, 25, 28

Currículo 10, 16, 17, 19, 21, 23, 24, 25, 29, 34

D

Democracia racial 15

Desigualdade racial 15, 26

Diáspora 22

E

Educação antirracista 12, 14, 22, 23, 24, 33, 34

Educação das relações étnico-raciais 11, 30, 31

Ensino de História 11, 21

Ensino Fundamental - Anos Finais 10, 11, 31, 33

Escola pública 10

Escravidão 11, 13, 14, 15, 17, 19, 21, 26, 28, 29, 31, 34

Espírito Santo 10, 11

Estereótipos 10, 12, 17, 23, 31, 32, 33

Eurocentrismo 10, 17

F

Fernandes, Florestan 15

Formação docente 11, 22, 23, 31, 33

Freyre, Gilberto 15

H

História afro-brasileira 10, 11, 17, 21, 29, 33, 34

hooks, bell 24

I

Imagem e iconografia 10, 12, 17, 18, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 34

L

Lei nº 10.639/2003 10, 12, 16, 21, 23, 32

Lei nº 11.645/2008 21

Leitura crítica 10, 12, 17, 22, 26, 29, 32

Linguagem e discurso 19, 23, 24, 25, 26, 28, 30

Livro didático 10, 11, 12, 14, 17, 19, 23, 24, 26, 29, 31, 33, 34

M

Memória 23, 24, 29, 30

Montanha (ES) 10, 11, 20, 31

Movimento negro 15, 16

Munanga, Kabengele 15

N

Narrativa histórica 10, 11, 12, 14, 16, 17, 19, 21, 22, 24, 28, 29, 31, 33, 34

Negritude 18, 26

P

PNLD 19, 20, 23, 31

População negra 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 22, 26, 31, 34

Prática pedagógica 12, 34

Preconceito e discriminação 26

Produto educacional 28, 33, 34

Protagonismo negro 12, 21, 24, 26

Q

Quilombos 14, 16, 21, 24, 25, 26, 28

R

Racismo 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 19, 21, 23, 25, 26, 31, 32, 34

Racismo estrutural 11, 12, 14, 23, 25, 26

Reinos africanos 17, 28

Reparação 14, 15, 26

Representação 12, 14, 18, 19, 21, 28, 29, 31

Resistência 11, 13, 14, 15, 18, 19, 21, 25, 26, 28, 29, 34

S

Silenciamento 10, 11, 12, 19, 21, 23, 25, 27, 34

Z

Zumbi dos Palmares 11

